

Teresa Simão

# O FALAR DE MARVÃO na zona norte do concelho

(Separata)

Memórias  
das Freguesias  
de Santo António,  
das Areias e Beirã

IBN MARUÂN – Rev. Cultural de Marvão  
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,  
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 225-240

ابن مروان  
IBN MARUÂN  
Revista Cultural do Concelho de Marvão



100

95

75

25

5

0

Título  
**Memórias das Freguesias  
de Santo António das Areias e Beirã**  
(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição  
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação  
Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus  
autores

Design gráfico  
**Veludo Azul**, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100

95

75

25

5

0

Teresa Simão



## O FALAR DE MARVÃO na zona norte do concelho

### Para introduzir o assunto...

O presente artigo pretende, de forma sintética, dar a conhecer o panorama linguístico da região, apresentar as principais características fonético-fonológicas, morfosintáticas e léxico-semânticas do Falar Raiano de Marvão, bem como salientar algumas particularidades exclusivas da zona norte do concelho.

Integrado nos dialetos portugueses centro-meridionais, na variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo, este falar apresenta a maior parte das suas características, no entanto, demarca-se dos falares dos concelhos vizinhos essencialmente por algumas particularidades nos domínios fonético-fonológico e léxico-semântico.

Tal como sucede noutras variedades linguísticas regionais, o domínio e a manutenção das características deste falar dependem bastante do fator idade e da escolaridade dos falantes, havendo uma tendência generalizada para a perda de diversos traços identitários à medida que se desce na pirâmide etária e, por outro lado, se verifica um aumento do grau de escolaridade.

Desde 2003 que estudamos o Falar de Marvão. Desde então, para além de sistematizar as suas características, tem sido possível analisar a sua evolução, a variação do seu uso entre os diversos falantes, assim como em distintas situações de comunicação e chegar a algumas conclusões, que aqui apresentaremos, embora essencialmente referentes às freguesias de Santo António das Areias e Beirã.

Com vista à sistematização e divulgação deste falar raiano já foram dados alguns passos (1), mas muito há ainda por fazer para que continue a ser transmitido às novas gerações e mantenha a sua vitalidade, atualmente em perigo.

Este artigo procura, assim, ser mais uma forma de dar a conhecer esta variedade dialetal e despertar os marvanenses para a necessidade de valorizarmos o nosso património cultural imaterial, no que diz respeito à nossa maneira de falar, e de lhe darmos continuidade, de modo a que, com o passar do tempo e das diversas gerações, não se extinga e continue a caracterizar a nossa identidade.





Fig. 1: Momento de recolha de dados, na Herdade do Pereiro, em 2007  
À esquerda da autora, Joaquim Raposo (Salsinha), Palmira Marujo e Leonardo Guilhens

## 1. Breve caracterização demográfica e socioeconómica do território

As particularidades de um falar e a sua evolução ao longo dos tempos só podem ser compreendidas em pleno quando conhecidos o espaço geográfico em que têm lugar e as gentes que lhe dão vida. Uma vez que este artigo surge integrado numa obra que inclui outros textos de caracterização do espaço físico e dos habitantes das freguesias de Santo António das Areias e Beirã, não nos alongaremos muito neste domínio, apenas apresentaremos algumas notas de cariz sociodemográfico e mapas e gráficos que ajudam a localizar o leitor e a compreender a evolução do falar em estudo.

### 1.1 O concelho de Marvão

O concelho de Marvão fica localizado no Nordeste do Alentejo, no distrito de Portalegre, e tem como limites: a norte/este, o rio Sever (que define a fronteira entre Portugal e Espanha), a sul, o concelho de Portalegre e, a oeste, o concelho de Castelo de Vide.





Fig. 2: Marvão no panorama nacional (2)

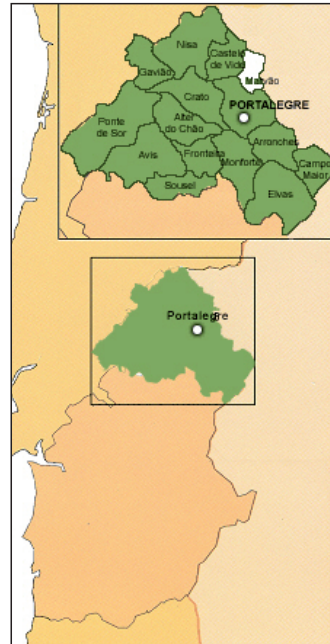


Fig. 3: Marvão no distrito de Portalegre (3)



Fig. 4: Mapa das quatro freguesias do concelho de Marvão (4)

O concelho apresenta atualmente uma área de 155 km<sup>2</sup>, distribuída por quatro freguesias, nomeadamente, Beirã e Santo António das Areias, a norte, e São Salvador da Aramenha e Santa Maria de Marvão, a sul.

Segundo dados de 2019, obtidos no PORDATA (5), Marvão tem cerca de 3149 habitantes, sendo a sua densidade populacional muito baixa, 20,32 hab/km<sup>2</sup>. Nas últimas décadas, uma quebra acentuada na natalidade e a falta de empregos que fixem residentes têm contribuído para o despovoamento do território e para o acentuado envelhecimento da população. O gráfico apresentado evidencia o panorama demográfico ao longo dos séculos XX e XXI:



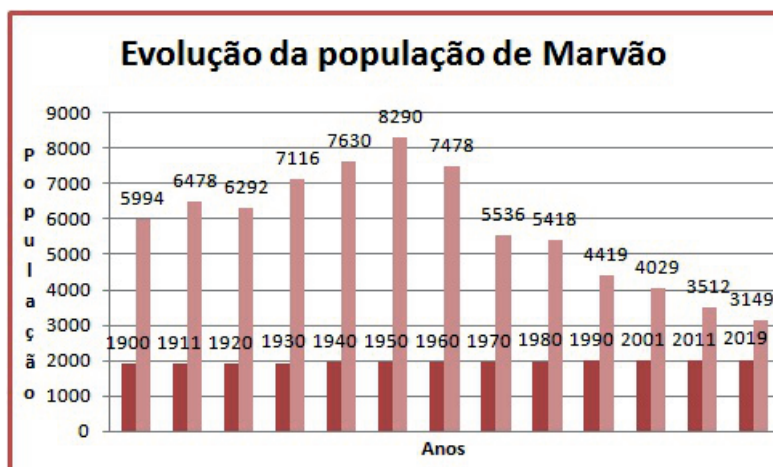


Fig. 5: Gráfico da evolução da população de Marvão, sécs XX e XXI (6)

No estudo de um falar é de extrema relevância compreender a evolução da taxa de analfabetismo dos falantes, pois esta variante influencia decisivamente a sua linguagem. Como em todo o país, em Marvão tem havido uma redução dessa taxa, sendo atualmente de 13,2%, valor que se encontra ainda assim bastante acima da média nacional, que é 5,2% (7).

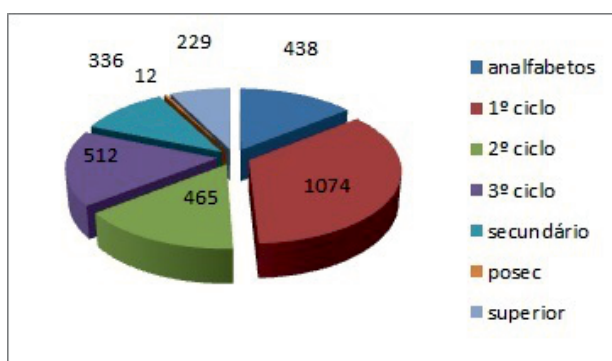


Fig. 6: Gráfico referente aos graus de escolaridade no concelho de Marvão em 2011

## 2. Principais aspetos fonético-fonológicos do Falar de Marvão

Quando Lindley Cintra apresentou uma nova proposta de classificação dos dialetos portugueses, em 1971, o concelho de Marvão ficou integrado na área dos dialetos portugueses centro-meridionais, no grupo de dialetos do centro-interior e sul, mais concretamente na região da Beira Baixa e Alto Alentejo (8). Confrontada a nossa recolha com os dados registados por outros linguistas ao longo do século XX, concluímos que o Falar de Marvão partilha algumas das características fonético-fonológicas identificadas por eles no Norte do Alentejo e apresenta particularidades que o distinguem de outros falares da região.

Como não pretendemos fazer aqui uma descrição exaustiva desta variedade linguística, apresentaremos apenas alguns traços mais identitários e/ou que lhe conferem originalidade e que estão em vias de desaparecer.



## 2.1. Vocalismo tónico (9)

No campo das vogais orais tónicas, é de salientar a palatalização de [a] e [ɐ] para [ɛ] e [ẽ] respetivamente:

- [buʃkér] (busquer – buscar), [brĩkér] (brinquer – brincar);
- [irmẽ] (irmã – irmã), [krjésɐ] (criança – criança).

No que diz respeito à vogal [ɐ], também apresenta alterações relativamente ao português padrão. Em alguns casos, a vogal mantém-se, mas com um timbre nasalado, provocado pela consoante nasal que se segue. Noutras situações, além da nasalização, verifica-se uma mutação para [ẽ]:

- [mɛgẽnɐ] (magãna – magana), [ʃopẽnɐ] (chopãna – choupana);
- [fulẽnu] (fulẽno – fulano), [siʒẽnɐ] (ceguẽna – cigana).

No vocalismo tónico, destacamos ainda os casos de metátese associada à vogal [ɔ]:

- [ójdɪ] (óide – ódio), [kuʃtójɔ] (Custóida – Custódia).

## 2.2. Vocalismo átono

Nas vogais orais átonas, há várias variações de timbre da vogal [ɐ], provocadas tanto por assimilação, como por dissimilação, sendo a mais frequente o fechamento para [i]:

- [rimilíkɐ] (remelica – ramelica), [siládɐ] (selada – salada).

Com regularidade assistimos a uma centralização e fechamento da vogal [ɛ] para [ɐ], especialmente quando a vogal antecede uma consoante alveolar velarizada:

- [ʔipikávɛʃ] (impecával – impecável), [awtumóvɛʃ] (automóval – automóvel).

Em início de palavra, a vogal [e] surge, por vezes, representada por [i]:

[isilésɐʃ] (incelças – excelências), [ivitéɾ] (inveter – evitar).

A passagem de [i] a [ɐ] e [u] representa outra marca muito característica do Falar de Marvão. Esta surge por assimilação ou devido à presença de uma vibrante contígua:

- [ɛnɛdótɐ] (anadota – anedota), [ɛsɛrádɐ] (ensarrada – encerrada);
- [survír] (survir – servir), [pupínu] (pupino – pepino).

No que diz respeito à vogal átona [i], sofre um enfraquecimento para [ɪ], havendo uma centralização. De notar que esta alteração fonética caracteriza o português meridional desde há muitos séculos, sendo considerada uma tendência arcaica.

- [lisésɐ] (leccença – licença), [médiku] (médeco – médico).

Em posição pós-tónica, o [i] é pronunciado como [ɐ]:

- [tiófelu] (Tiófalo – Teófilo), [tímədu] (tímado – tímido).

É de destacar também a centralização de [u] para [ɨ] (10), quer em posição pretónica, quer em posição postónica:

- [miʃilɐ] (mechila – mochila), [fɨnɐrát] (fenaral – funeral);
- [gɐjáci] (gaiate – gaiato), [bɛbi] (bebe – bebo).

De notar que esta mutação vocálica, sobretudo em posição postónica, representa uma marca distintiva dos falantes da zona norte do concelho de Marvão e é partilhada por todas as gerações – idosos, adultos e crianças.

Nas vogais nasais, é muito recorrente a mutação de [ẽ] para [ɨ], essencialmente em sílaba inicial:

- [iɣuʃtjɛsɛw̃] (ingustiação – angustiação), [tɨzɐrɨnɐ] (tinj arina – tangerina).

A vogal [ẽ] também apresenta variações, sendo as mais comuns a centralização para [ɨ], assim como o seu fechamento para [ɨ̃], em posição pretónica:

- [ɛtrár] (antrar – entrar), [lɛsól] (lançol – lençol);
- [ɨbúdi] (imbude – embude), [ɨpisár] (impeçar – empear).

### 2.3. Ditongos

À semelhança de outras variedades dialetais do Alentejo, o Falar de Marvão é marcado por uma forte tendência para a redução dos ditongos.

Nos ditongos decrescentes orais, é de referir a monotongação do [aj] (11) (antes ou após consoante palatal) e do [uj] (em sílaba pretónica):

- [káʃɐ] (caxa – caixa), [báli] (balhe – baile);
- [uvár] (uvar – uivar), [kudár] (cudar – cuidar).

A monotongação do ditongo [ej] (12) é uma constante no Falar de Marvão, assim como em todos os dialetos centro-meridionais:

- [ɛzétɨ] (azete – azeite), [kɐbréri] (cabrere – cabreiro).

Nos ditongos [ew], [oj] e [ow] (13) verifica-se igualmente uma redução:

- [éru] (ero – euro), [ekəlɨptéɨ] (ecaliptel – eucaliptal);
- [ósu] (oço – oiço), [kózɐ] (cosa – coisa);
- [tóru] (toro – touro), [móku] (moco – mouco).

No que diz respeito aos ditongos crescentes, destaca-se a redução de [ja] e [ju], em posição postónica, bem como uma transposição da semivogal para outra posição do vocábulo, motivada por metátese:

- [siéʃɐ] (ciença – ciência), [ɔrtésɐ] (hortensa – hortênsia);
- [sirójdɐ] (seroida – serôdia), [kuméjdɐ] (comeida – comédia);



- [ɐlumínu] (alumino – alumínio), [grému] (greco – grémio);
- [pájtu] (paito – pátio), [préjdi] (préide – prédio).

Relativamente aos ditongos nasais, começamos por referir o [ɛ̃]. Em posição final, além de uma redução, há uma desnasalização:

- [gɐrázɐ] (garaja – garagem), [portázɐ] (Portaja – Portagem);
- Noutros casos, o ditongo nasal é pronunciado como [i]:
- [fɨfésɨ] (fechessim – fechassem), [dízi] (dizim – dizem).

Já o ditongo [ɛ̃w̃] reduz em posição átona medial. Em posição postónica, além disso, também evidencia uma desnasalização:

- [furɛ̃zɨ̃nu] (furâzinhos – furãozinhos), [ɾɛsɛ̃zɨ̃nɐ] (raçãzinhos – raçãozinhos);
- [kriʃtónɐ] (Cristova – Cristóvão), [váldiródɐ] (Vale de Roda – Vale de Ródão).

Nas terminações verbais da terceira pessoa do plural, este ditongo é pronunciado como [i] ou [ɛ̃] o que é um traço bem característico do Falar de Marvão, inclusive, usado pelas crianças, sobretudo antes de iniciarem a escolarização:

- [fórɨ] (forim – foram), [ɐprɛ̃dérɨ] (aprenderim – aprenderam);
- [bríkɛ̃] (brinquem – brincam), [édɛ̃] (andem – andam).

Por fim, no que concerne aos ditongos, damos conta da redução do [õ̃]. Este surge, essencialmente, seguido da consoante [ʃ] na constituição do plural de [ɛ̃w̃]. Neste contexto, há sempre redução:

- [kɛzõ̃ʃ] (casons – casões), [ʃkursõ̃ʃ] (excursons – excursões).

#### 2.4. Consonantismo

No consonantismo não há uma variação tão significativa como no vocalismo. Contudo, são de destacar algumas mutações, por exemplo, entre [b] e [v]. Embora este seja um traço típico dos falares setentrionais, há muitos vocábulos que o exemplificam:

- [krɛvinéru] (cravenero – carabineiro), [ɐvenɛ̃w̃] (avanão – abanão);
- [bɛsínɐ] (bacina – vacina), [bíberɨ] (bíbare – víbora).

De salientar também a palatalização de [l] e [n], quando seguidas da semivogal palatal [j], passando a [ʎ] e [ɲ] respetivamente:

- [zúʎu] (Julho – Júlio), [fɐmíʎɐ] (família – família);
- [ɛ̃tɔ́ɲu] (Antinho – António), [mɛ̃ɲɐ] (manha – mania).

Para além dos fenómenos referidos, verificam-se outras trocas, sobretudo entre consoantes líquidas e entre surdas e sonoras, mas não representam traços muito marcantes deste falar.

### 3. Principais aspetos morfossintáticos

Como teremos oportunidade de ver, algumas das características morfosintáticas deste falar diferenciam-no da norma e conferem-lhe originalidade no panorama dialetal regional.

Na classe do nome, salientamos a formação do plural nas palavras terminadas em lateral alveolar. Estas apresentam uma terminação regular, mantendo o –l– intervocálico, a qual poderá dever-se à proximidade com Espanha e à formação dos plurais na língua vizinha:

- [bɐrɪ́liʃ] (barriles – barris), [ʒirɐsólɪʃ] (girassoles – girassóis).

A forte tendência para a monotongação que caracteriza este falar justifica que os nomes que, na língua padrão, formam o plural em –ões, aqui o formem em –ons:

- [gɐɳéw̃] (ganhão) – [gɐɳóʃ] (ganhons – ganhões), [kɐnɐʃtrɛw̃] (canastrão) – [kɐnɐʃtróʃ] (canastrons – canastrões).

Relativamente às formas de tratamento, para além do uso do "tu", entre pessoas que são íntimas, e do "você", quando há alguma formalidade, ainda se vão ouvindo as versões "vomecê", "omecê", "vossemecei" ou "vossemecê" (14):

- "Ó mãe, vossemecê (15) nã quer ir às compras?";
- "Ó menina, vomecê nã quer cá jantar?".

Quanto à forma de tratamento correspondente a "a senhora", "o senhor", no Falar de Marvão surgem três variantes, estando o seu uso relacionado com o grau de à vontade que se tem com o destinatário:

- ti: "Ó ti Maria, abra-me lá a porta!"/ "Ti Manel, podemos colher' mas uvas?";
- senhô: "Ó senhô João, deia-me lá o petrol."/ "Ó senhô Ana, empreste-me lá essa cesta.";
- dona: "Ó dona Clara, por favor, nã s'incomode."

No domínio da classe verbal, é frequente haver mudanças na vogal temática, o que já foi referido anteriormente na parte da fonética e fonologia.

Ainda neste âmbito, destacamos o facto de alguns idosos conjugarem os verbos na segunda pessoa do plural usando formas verbais arcaicas:

- "Hoje nã fôrindes lá de prepóseto.";
- "Vocês ganhêdes pouco, mas ainda fazêdes menos."

Na morfologia verbal, verifica-se ainda o uso frequente de expressões idiomáticas em substituição de verbos:

- "armar-se de gadelha" (brigar);
- "çoçar os carraços" (bater).



#### 4. Léxico

O léxico é o domínio em que Falar Raiano de Marvão revela maior originalidade e mais se demarca de outros falares do Alentejo.

Relativamente aos processos de criação, renovação e enriquecimento lexical, surgiram-nos muitas diferenças relativamente à norma, por isso, apresentamos aqui somente uma pequena amostra.

No que diz respeito à derivação, surgem casos de prefixação, sufixação e parassíntese:

- empenhorar (penhorar), espalmelhado (sem palmilha);
- maçarocada (conjunto de maçarocas), sameação (sementeira);
- arremangado (arregaçado), escaquerar (transformar em caqueros, partir).

Quanto à composição, surgiram essencialmente exemplos de composição morfossintática:

- entrebésperas (antes das vésperas), cachafrito (método de cozinhar);
- mata-cabras (tipo de vento), unha-gata (tipo de erva; vagem jovem).

Relativamente ao processo de empréstimo, começamos por falar dos castelhanismos, todavia, em solo português não são muito frequentes, pois a população portuguesa normalmente tem bem presente o que é o português e o castelhano, por isso, não mistura as duas línguas. Ainda assim, surgem alguns:

- pelota (bola), melhiço (gémeo), gravanços (grãos).

Já os arabismos são bem mais frequentes nesta variedade dialetal. Para além da influência da língua árabe no Português em geral, não podemos esquecer o quanto esse povo contribuiu para o desenvolvimento da região de Marvão em particular, começando logo pelo fundador da fortaleza – o muladi Ibn Maruán. A longa presença dos árabes marcou de forma generalizada a cultura dos marvanenses. Aqui apenas citamos alguns exemplos de toponímia e influências no modo de falar. Estes arabismos (16) pertencem a diferentes campos léxico-semânticos (17):

- Toponímia – Asseiceira (18), Marvão, Ranginha (19);
- Terra – arrife, barroco, caramoço, safra, talhão;
- Agricultura – alcacero, alqueve, gavela, talegada, tondo (20);
- Animais – alacrau, caçapo, farropo, farum, malata;
- Plantas – alvarrã, beldoega, jambujero (21), saragaço, xara;
- Objetos – acincho, alpargata, amentolia, zagaia, zangarro (22);
- Profissões – almocreve, balfurnhero, ganhão, gatero, zagal;
- Habitação urbana e rural – almenzém, arrebeta, bugio, choça, gatera, pial;
- Alimentação – atabefe, barranhão, mexorfada, atalhar-se, zambana;

- Corpo humano e aspeto físico – alganaça, barreguencha (23), bicanca (24), enjorcado, xarifa;
- Comportamentos e atitudes – alarido, aldruga (25), enxofrado, ramboia, rebaldaria;
- Diversos – anexam, cachopo, denguiçe, escalmurra (26), safrenho.

Reunido o léxico, fizemos uma análise contrastiva com alguns dicionários de referência (27), o que nos permitiu saber que vocábulos se encontram indicados como regionalismos e quais os que não se encontram dicionarizados nessas três fontes. Assim, da recolha total, apenas 9% dos vocábulos surgem assinalados como regionalismo e pertencem a vários campos léxico-semânticos.

De notar que, das cerca de 2900 entradas (28) por nós registadas, 30% delas não se encontram registadas nos dicionários de referência, o que demonstra a sua originalidade. Este vocabulário característico do Falar de Marvão pertence a diversas classes de palavras, predominando verbos, adjetivos e expressões idiomáticas. Integra vários campos léxico-semânticos, contudo, o dos comportamentos e atitudes é o mais abundante. Seguem-se alguns exemplos; num primeiro grupo, vocábulos de diversas classes e, num segundo, somente expressões idiomáticas (29).

- Terra e fenómenos atmosféricos – bolandero, cartachal, cobradera, linchera, verguentas;
- Agricultura e alfaias agrícolas – desensamarração, engarelar, gente-dos-almofarizes, guarda-ladrão, roçador-de-balsas;
- Animais – bicho-de-luz, cínfalo, correol, lutrir, machagolo;
- Plantas – figo-toco, fotricas, gazulo, mel-de-bruxa, pingolha;
- Objetos – orelo, mata-velhos, panela-dos-lavradores, pano-pão, pau d'ar-rair;
- Alimentação – cloque, fanoco, governeta, laburdo, molguera;
- Corpo humano e aspeto físico – bajanica, elaboçado, lafaruso, munete, pes-totira;
- Doenças – belancoso, bramura, enfaloquedo, faloque, folinhas;
- Comportamentos e atitudes – esbalagar, lavutar, mendindas, penaiva, sa-rangonhar.

#### Expressões idiomáticas

- Animais – bradar à rosa, detar a barriga, esterçar a bardo;
- Técnicas agrícolas – cavar ó camalhão, dar terras à matação, vender à carga cerrada;
- Alimentação – à barba longa, comer o bolo, comer do barranhão, bater c'as orelhas no masserão, galar a melancia;
- Trabalho – trabalhar a seco, meter-se a requerimentos, pagar ó levantar da



era, pôr a cavar, mandar o bacalhau;

- Bebedeira – ir de rebimbalho, ir de regangamalho, nã ir munto católeco, ter os olhos invengrados, vir c'a menopeia;
- Ato de defecar – arriar o melão, fazer os precisos, pregar uma falsa, ir a campo, ir aviar a vida;
- Comportamentos – subir o cascalho, rezar padres nossos castelhenos, dar ó badalo, mandar à fonte limpa, fechar a navalha.

## 5. Variações no plano semântico

No Falar de Marvão também se regista um elevado número de variações semânticas. Ao confrontarmos a nossa recolha com os três dicionários de referência que elegemos, concluímos que, por vezes, os vocábulos encontram-se registados, mas na região de Marvão têm outra aceção. Assim, surgiram-nos casos de:

- Ampliação – cabaço (recusa), almocreve (criado de servir), talegada (pequena porção existente no fundo de um saco);
- Restrição – descante (baile do casamento), malhada (pocilga), polero (espécie de palco de madeira elevado onde atuavam os tocadores nos bailes);
- Mudança – avozinha (joaninha), berra (muito calor), serventia (vagina dos animais).

## 6. Variações diastrática e diafásica

Apresentada a variação da língua em função do espaço em que é usada, queremos ainda acrescentar umas breves notas sobre a sua variação motivada pelas características dos falantes e as circunstâncias em que é falada.

Quanto à variação diastrática ou sociocultural do falar, analisámos a influência da idade e do grau académico, embora estes aspetos não possam ser abordados isoladamente da profissão/ ocupação regular dos informantes por estarem intimamente associados. Como aplicámos inquéritos a habitantes de todas as camadas etárias e com graus de escolaridade muito diferentes, foi possível apurar o quanto a idade e a escolaridade interferem na maneira de falar dos marvanenses. Quanto mais anos têm e menos escolarizados são os falantes, melhor preservam as características do falar. À medida que descemos nas camadas etárias e as habilitações literárias aumentam, mais se vão perdendo as marcas distintivas desta variedade linguística.

As diferenças verificam-se nos domínios da fonética, da fonologia, da morfologia, da sintaxe e do léxico. Por exemplo, no vocalismo tónico, os jovens já não pronunciam [a] e [ɐ] como [ɛ] e [ê] respetivamente. Nos ditongos, algumas das reduções já não existem. No domínio da morfossintaxe, em muitos adultos e

nos jovens, já se perdeu o uso do -l- intervocálico no plural das palavras terminadas em lateral alveolar <l> no singular, assim como as formas arcaicas na conjugação do verbo na segunda pessoa do plural ("você fazêdes"), entre outras. No que toca ao léxico, os mais novos desconhecem muitas designações da fauna e da flora, bem como muito vocabulário associado aos ofícios de antigamente e à agricultura, uma vez que a realidade em que se inserem proporciona-lhes outro tipo de aprendizagens. Face ao exposto, muitos vocábulos/ expressões relativos a realidades do antigamente são conservados apenas pelos mais idosos e por alguns adultos. Em aldeias mais isoladas e no seio de um agregado familiar com pouca escolaridade é que encontramos algumas exceções, todavia, o convívio escolar e a saída do concelho para continuar os estudos proporcionarão a perda dessa genuinidade.

Relativamente à variação diafásica, relacionada com a situação e o contexto em que a língua é usada, é de salientar a saída dos jovens marvanenses para prosseguir estudos em Portalegre. Enquanto estudam no concelho e estão habitualmente entre os seus conterrâneos, apesar de a escolaridade ir aumentando, mantêm na oralidade muitos dos traços característicos do falar. Quando vão para o ensino secundário e se confrontam com colegas de vários pontos do distrito, tomam consciência de que certas marcas da sua oralidade não são partilhadas pelos demais, logo, tendem a omiti-las e a usar em exclusivo a língua padrão, o que nada favorece a continuidade do falar regional.

## 7. O que fazer para reverter a tendência de desaparecimento?

Uma variedade linguística regional é um exemplo de património imaterial vivo, que vai sendo transmitido de geração em geração e recriado pelos falantes, fazendo parte da sua identidade. No entanto, esta imaterialidade torna-o mais frágil. De acordo com os critérios de vitalidade da UNESCO, no concelho de Marvão, este falar está "vulnerável"; este tem passado de geração em geração, mas as crianças já só partilham algumas das suas características.

Perante esta vulnerabilidade, há que tomar medidas céleres para inverter a tendência de gradual desaparecimento nesta região, tal como vai acontecendo em muitos outros pontos do país. Para além de trabalhos de investigação e sistematização das suas características, é preciso continuar a demonstrar aos marvanenses o quanto é imprescindível preservar o seu modo de falar e a necessidade de o transmitirem às gerações vindouras (30). Assim, para além de iniciativas individuais como as que temos desenvolvido, será importante o contributo dos organismos locais. Na verdade, este falar raiano constitui uma importante componente do património cultural imaterial do Nordeste do Alentejo e de uma parte da raia da Extremadura. Para além dos especialistas, esta salvaguarda deverá envolver as comunidades e os grupos que o mantêm vivo. Em Marvão, só recentemente se tem verificado alguma consciencialização na comunidade, mas carece de ser muito desenvolvida.

Por exemplo, para promover a divulgação do falar local, é fundamental que se promovam eventos em que os falantes, sobretudo os mais idosos, possam evidenciar os seus saberes neste domínio, interagindo com as gerações mais jovens, ensinando-lhes o que a vida lhes proporcionou informalmente.

Também a escola desempenha um papel importante na valorização desta componente do património intangível do nosso concelho. Se nela é imposta aos alunos a norma da língua, o que os leva a ir esquecendo a variedade dialetal, também é nela que se desenrolam atividades de enriquecimento curricular que podem, e devem, valorizar e fomentar a aprendizagem das várias componentes do património cultural de Marvão, entre elas a forma regional de se falar.

## 8. Reflexão final

Infelizmente, muitos dos marvanenses que foram nossos informantes já partiram e já não podem hoje assistir ao lançamento destas memórias para as quais também contribuíram. Todavia, graças sobretudo aos mais idosos, ainda conseguimos reconstituir os traços gerais do Falar de Marvão e partilhá-los com a comunidade, para que não caiam no esquecimento e possam ser divulgados e perpetuados. A redação deste artigo, mais do que um contributo para estudo da variação linguística, pretende ser um contributo para o registo e a salvaguarda do Património Cultural Imaterial do concelho de Marvão.

Como foi referido ao longo do texto, este falar partilha diversas características das variedades linguísticas do Alentejo, mas demarca-se de muitas delas por traços de cariz fonético-fonológico, morfossintático e léxico-semântico, o que lhe confere originalidade no panorama dialetal alentejano e português. De entre os vários aspetos citados, destacamos o léxico, sobretudo pelas alterações semânticas que aqui se verificam e pela existência de diversos vocábulos e expressões idiomáticas que marcam a maneira de falar dos marvanenses. Muito deste vocabulário não se encontra registado nos dicionários de referência, o que evidencia bem a sua originalidade.

Claro que os verdadeiros "guardiões" e dinamizadores desta variedade linguística são os idosos, sobretudo os que são analfabetos e vivem em locais mais isolados. Estes ainda continuam a usar naturalmente a forma de falar que aprenderam com os seus pais e avós, sem se preocuparem com a existência de uma norma linguística. No entanto, o passar dos anos tem vindo a alterar esta situação e cada vez há maior dificuldade em que estes conhecimentos passem às gerações mais jovens. Se a nível fonético-fonológico e morfossintático ainda se vão mantendo alguns traços, a nível lexical já muito se perdeu, sobretudo no que diz respeito a vocabulário relacionado com atividades que atualmente pouco se desenvolvem, como sucede com determinadas atividades agrícolas.

Assim, há que reunir rapidamente esforços para inverter a situação e não deixar que esta importante componente do património imaterial da região se perca, desaparecendo também uma parte da identidade das suas gentes.

## 10. Referências bibliográficas/ webgrafia

- ALVES, Adalberto (2013). *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- BOLÉO, Manuel Paiva (1942). *O Estudo dos Dialectos e Falares Portugueses*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- BOLÉO, Manuel Paiva (1974). *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*. Vol. I *Dialectologia e História da Língua*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis.
- CASTELEIRO, João Malaca (coord.) (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. 2 vols. Lisboa: Editorial Verbo/ Academia das Ciências de Lisboa.
- CINTRA, Luís Lindley (1971). "Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses" in *Boletim de Filologia XXII*, 81-116.
- CINTRA, Luís Lindley (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. (2.ª ed.) Lisboa: Sá da Costa Editora (1995).
- CINTRA, Luís Lindley (1986). *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CORREIA, Margarita (1999). *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- FIGUEIREDO, Cândido de (1996). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 25.ª edição. 2 vols. Venda Nova: Bertrand Editora.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (orgs.) (2004). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. II. Campo Grande: Editora U.F.M.S..
- LOPES, David de Melo. (1921-22). Toponímia árabe de Portugal. *Revista Lusitana*, vol. 24.
- MACHADO, José Pedro (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados* (2ª edição). Lisboa: Livros Horizonte (1967).
- MACHADO, José Pedro (1991). *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Lisboa: Editorial Notícias.
- RIO-TORTO, Graça Maria (2006). *O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.
- SIMÃO, Teresa (2010). *O Falar de Marvão*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Évora.
- SIMÃO, Teresa (2011). *O Falar de Marvão – pronúncia, vocabulário, alcunhas, ditados e provérbios populares*. Lisboa: Edições Colibri.
- SIMÃO, Teresa (2013). "O falar de Marvão: contributos para o seu estudo" in *Revista de Filologia Românica 2013*, vol. 30, nº 1, 159–177.
- SIMÃO, Teresa (2015). *O Falar de Marvão – Património Imaterial Raiano*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Évora.
- SIMÃO, Teresa (2016). *Dicionário do Falar Raiano de Marvão*. Lisboa: Edições Colibri.
- SOUSA, Frei João de.; MOURA, Fr. Joze de Santo Antonio (2004). *Vestigios da Língua Árabe em Portugal*. Lisboa: Livraria Alcala. (fac simile da edição de 1830)
- VARGENS, João Baptista de Medeiros (1999). *Arabismos na língua portuguesa (subsídios para um estudo do léxico português de origem árabe)*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- VASCONCELOS, José Leite de (1890 – 1892). Dialectos Alentejanos. *Revista Lusitana II*, 15 – 45.
- VASCONCELOS, José Leite de (1896). Dialectos Alemtejanos. *Revista Lusitana IV*, 13 – 77; 215 – 246.
- VASCONCELOS, José Leite de (1897). *Mapa dialectológico do Continente Português*. Lisboa: Guillard, Aillaud & Cia.
- VASCONCELOS, José Leite de (1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (3.ª ed.) Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (1897).
- VILLAR, Mauro de (dir.) (2011). *Dicionário do Português Atual Houaiss*. 2 vols. Lisboa: Círculo de Leitores/ Sociedade Houaiss-Edições Culturais, Lda.
- [www.ine.pt](http://www.ine.pt)  
[www.pordata.pt/Mu](http://www.pordata.pt/Mu)



## Notas

<sup>1</sup>Cf. SIMÃO, Teresa 2010, 2011, 2013, 2015 e 2016.

<sup>2</sup>Retirado de: [www.google.pt/search?q=mapa+freguesias+marv%C3%A3o&espv=2&biw=1024&bih=649&source=lnms&tbnisch&sa=X&ei=N5HFVLaVDMr3ULvHgAH&ved=0CAYQ\\_AUoAQ&dpr=1#imgdii=&imgrc=l1jQJixJDLZmgM%253A%3BuLrwavFN8vpKZM%3Bhttp%253A%252F%252Fterrasdeportugal.wdfiles.com%252Fflocal--files%252Ffilustrar%253Amapas%252Fmarvao.png%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.memoriaportuguesa.com%252Fmarvao%3B250%3B36](http://www.google.pt/search?q=mapa+freguesias+marv%C3%A3o&espv=2&biw=1024&bih=649&source=lnms&tbnisch&sa=X&ei=N5HFVLaVDMr3ULvHgAH&ved=0CAYQ_AUoAQ&dpr=1#imgdii=&imgrc=l1jQJixJDLZmgM%253A%3BuLrwavFN8vpKZM%3Bhttp%253A%252F%252Fterrasdeportugal.wdfiles.com%252Fflocal--files%252Ffilustrar%253Amapas%252Fmarvao.png%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.memoriaportuguesa.com%252Fmarvao%3B250%3B36) (dezembro 2014)

<sup>3</sup>Mapa retirado de SIMÃO 2015, p. 37.

<sup>4</sup>Mapa cedido pela Câmara Municipal de Marvão.

<sup>5</sup>[www.pordata.pt/Municipios](http://www.pordata.pt/Municipios)

<sup>6</sup>Dados recolhidos em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) e PORDATA.

<sup>7</sup>Dados dos Censos de 2011.

<sup>8</sup>CINTRA 1995: 141–163.

<sup>9</sup>Na transcrição fonética, optámos pelo Alfabeto Fonético Internacional, cuja fonte é SILDoulosIPA93.

<sup>10</sup>Segundo Vasconcelos, esta transformação deve-se a um fenómeno de dissimilação, embora também possa advir de outras alterações esporádicas. VASCONCELOS 1897: 88.

<sup>11</sup>Cf. VASCONCELOS, 1897: 92. O linguista considera esta redução característica dos dialetos do Sul, verificando-se esta em próclise. Todavia, como podemos constatar, no Falar de Marvão este é um fenómeno mais abrangente.

<sup>12</sup>Cf. VASCONCELOS, 1897: 93. Este autor considera que a origem desta simplificação, à semelhança do ditongo *ou*, remonta ao século XVII e também este fenómeno evidencia a transição entre o português e o espanhol.

<sup>13</sup>De notar que a redução deste ditongo é comum também à norma.

<sup>14</sup>A forma de tratamento "Vossa Mercê", segundo CINTRA, 1986: 26., nos fins do século XIV, era tratamento real, mas nos finais do séc. XV era tratamento corrente para fidalgos e mesmo "para gente não tão altamente qualificada". Esta tem evoluído ao longo dos séculos, sendo atualmente "você" a fórmula mais diminuta.

<sup>15</sup>Quer a forma de tratamento "vossemecê", quer "vomecê" são contrações da forma antiga "vossa mercê".

<sup>16</sup>Para atestar a origem árabe dos vocábulos apresentados, recorreremos a diversos artigos (indicados na bibliografia final) e consultámos essencialmente o *Dicionário Houaiss*, na sua rubrica de etimologia, bem como SOUSA 2004, MACHADO 1991, VARGENS 1999 e ALVES 2013. Ao fazer essa análise, deparámo-nos com opiniões diversas, assim, quando isso se verificou, optámos por seguir a obra mais recente e mais desenvolvida, nomeadamente ALVES 2013. De referir que este autor justificou a maior abrangência da sua obra (18073 entradas) pela inclusão no seu dicionário de palavras "cujo étimo árabe nos chegou por intermediação de outras línguas, e ainda aquelas cujo étimo foi introduzido através do árabe embora a sua origem remonte a étimos como o persa, o turco, o hindi, o grego ou o latim." Acrescentou ainda que "contempla quer as palavras ditas primitivas (...) quer as derivadas, ou seja, as que nasceram a partir daquelas, por força do processo formativo intrarromânico antigo, ou já no português moderno." ALVES 2013: 35.

<sup>17</sup>Atendendo ao considerável número de exemplos apresentados, para consulta dos significados desconhecidos, recomenda-se a análise da obra SIMÃO 2016 ou SIMÃO 2015: 132-243.

<sup>18</sup>Em árabe, significa "o domínio, o governo (de uma região)".

<sup>19</sup>Poderá derivar do topónimo de origem árabe "Arranginha", que significa "a refém, o penhor, a fiança".

<sup>20</sup>Por analogia com "toldo".

<sup>21</sup>Alteração de "zambujeiro".

<sup>22</sup>Por analogia com "zangarrear" (zumbir como zangão) e "zanguizarra" (toque ou som estridente e contínuo, ruído).

<sup>23</sup>Por analogia com "barriganha" e "barrigudo".

<sup>24</sup> Alteração de "picanca".

<sup>25</sup> Deturpação de "aldruba" – aldrabão, mentiroso.

<sup>25</sup> Derivação de "calma" – calor do sol.

<sup>27</sup> Como referência, escolhemos o *Dicionário do Português Atual Houaiss* (VILLAR 2011), o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo (FIGUEIREDO 1996), e o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências (CASTELEIRO 2001).

<sup>28</sup> Presentes em SIMÃO 2015 e SIMÃO 2016.

<sup>29</sup> Para consulta dos respetivos significados, recomendamos a leitura de SIMÃO 2015: 132-243 ou SIMÃO 2016.

<sup>30</sup> A este propósito, não podemos deixar de lembrar a atitude dos falantes do Val de Xalma, na província de Cáceres, não muito distantes de Marvão. Eles sempre tiveram orgulho no seu falar, continuam a usá-lo em todas as circunstâncias do seu dia-a-dia e preocupam-se em transmiti-lo aos seus descendentes, contribuindo, assim, de forma decisiva, para a sua vitalidade atual.

